

Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny - Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irredutíveis - Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, *100 grandes álbuns do rock gaúcho*.

Profissão perigo

O ano era 1988. No coração de Porto Alegre, os muros da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, a Febem, testemunhavam o ápice de uma crise que se arrastava em tensão e desespero. Uma rebelião de grandes proporções estourara no pavilhão dos internos, transformando o local em um caldeirão de reivindicações, medo e violência iminente. Funcionários e monitoras haviam sido tomados como reféns sob a mira de estoques – as afiadas facas artesanais improvisadas pelos jovens. Do lado de fora, o cerco policial se fechava, o clima de confronto era palpável e a tragédia parecia um desfecho inevitável. Foi nesse cenário de terra em transe que a equipe do jornal Zero Hora se posicionou para cobrir o que se tornaria um dos capítulos mais dramáticos do fotojornalismo brasileiro, centralizado na figura corajosa da fotógrafa Dulce Helfer.

Diante do impasse com as autoridades e do temor de um massacre caso a polícia invadisse o local, os amotinados exigiram a presença da imprensa como salvaguarda e canal direto de negociação. Compreendendo o peso do momento e a fragilidade das vidas em jogo, Dulce Helfer e o repórter Carlos Wagner tomaram uma decisão limiar. Com a câmera a tiracolo e um sangue-frio monumental, Dulce aceitou cruzar a linha que separava a segurança da reportagem e o perigo do confinamento. “Entre eu e o jornalista Carlos Wagner, da Zero Hora. Enquanto isso, o Gate (Grupo de Ações Táticas

Especiais) estava na escada, armado, pronto para invadir, porque eles já tinham matado um policial. Eles estavam com faca e um revólver”, lembra Dulce.

Ela e o colega entraram no pavilhão, oferecendo suas próprias presenças como garantia de vida para os internos e permitindo a mediação que abriria caminho para a liberação das monitoras que vinham sofrendo horas de terror psicológico. Uma vez lá dentro, imersa na fumaça, nos gritos e na imensa vulnerabilidade do ambiente, Dulce não se deixou paralisar pelo pânico. Pelo contrário: operando no mais puro instinto do jornalismo essencial, ela converteu o risco em testemunho histórico. Foi quando negociou diretamente com os jovens. “Olha, o Gate está na escada com doze. Estão todos armados. A tropa vai entrar atirando. Porque vocês já mataram uma pessoa. Então eu vou ser a última pessoa que vocês vão ver vivos. A não ser que queiram se entregar agora”.

Sobre o perfil dos amotinados que enfrentava face a face, Dulce ressalta a dualidade daquela situação. “Acho que pode colocar: ali eram todos menores de idade, mas maiores que eu. Eram todos, dá para chamar de ‘caras maiores’ que eu, né? Mas tudo menor de idade, tipo assim, dezesseis, dezessete anos. Armados”. Sob a constante vigilância, Dulce continuou clicando. Cada disparo de seu obturador capturava não apenas a crueza daquela revolta, mas o olhar humano por trás do estigma da delinquência. A negociação deu certo. “Eles aceitaram que eu chamasse alguém. Daí eu avisei e falei pro Gate não invadir, porque eles

iam se entregar”, conta.

A mediação da imprensa foi o fator decisivo para desatar o nó tático daquela crise de 1988 na Febem. Após horas de negociações exaustivas e de um pacto de não-agressão cumprido à risca, os reféns foram libertados e os jornalistas deixaram o pavilhão em segurança, carregando consigo um material histórico inestimável. No dia seguinte, as páginas da Zero Hora estamparam as fotografias viscerais de Dulce Helfer, revelando ao Estado e ao País as entranhas de um sistema falido e o drama humano em preto e branco. O episódio consolidou a reputação de Dulce como uma das profissionais mais destemidas de sua geração.

A repercussão de sua atuação na Febem foi tamanha que a confiança no trabalho de Dulce cruzou a fronteira dos presídios e chegou às ruas. O respeito conquistado ali serviu de salvo-conduto em um cenário igualmente aterrorizante que aconteceria depois: um assalto com reféns em uma farmácia no município de Canoas. “Me chamaram para negociar e eu fui porque eles estavam com três reféns que poderiam morrer”, recorda a fotógrafa.

O cenário era de vida ou morte. Assim como na Febem, os criminosos estavam encurralados e o desfecho violento parecia iminente. “Eles já tinham matado um



Assalto com reféns em Canoas teve Dulce envolvida na negociação

policial também. Foi por isso que entraram na farmácia e pegaram os reféns, porque a polícia queria matar os três assaltantes.” Sabendo que Dulce Helfer era uma profissional de palavra e que sua presença garantia que os direitos humanos e a integridade de todos seriam documentados, os próprios assaltantes exigiram a sua presença. Dulce não hesitou: entrou na linha de fogo, negociou e registrou o desenrolar de mais um momento crítico da crônica policial gaúcha. A cobertura impecável e a coragem extrema renderam a ela o reconhecimento máximo de sua categoria em premiações jornalísticas. Ambos os episódios converteram cercos policiais em lições eternas de ética, bravura e compromisso social. O papel de Dulce Helfer e da imprensa foi muito além de apenas relatar os fatos em páginas de jornal: foi o de intervir humanamente no caos para salvar vidas.

► Iberê Camargo: A Colaboração no Ateliê

A relação entre o pintor Iberê Camargo e Dulce Helfer foi pautada por uma profunda amizade, confiança mútua e colaboração artística íntima nos anos finais da vida do pintor. Dulce tornou-se uma das principais responsáveis por registrar a intimidade, o processo de criação e a personalidade complexa de Iberê em seu ateliê em Porto Alegre. “A Dulce é a única pessoa que entra no meu ateliê, fotografa o que quer e eu nem percebo”, disse o pintor.

► Angela Ro Ro: O Risco da Verdade

Angela Ro Ro, que não posa nem para espelho, encontrou em Dulce a única lente que não tentou domá-la. Para a cantora, Dulce não fotografa: “ela desarma”. Com Dulce, o retrato vira confissão. Angela afirmava que ela tem a coragem de não pedir sorriso e a delicadeza de sustentar o silêncio quando a alma desafina. Foi Dulce quem capturou Angela sem armadura, entre o cigarro e o piano, no instante exato em que a fúria vira verso.

► Belchior: A Urgência do Palco

O “rapaz latino-americano” (acima, à direita) via em Dulce a coragem de olhar o mundo sem filtros. Para Belchior, ela capturava a tensão física do artista no palco sem transformar a dor em espetáculo. Ele mencionava que ela tinha “ouvido absoluto para o silêncio entre uma canção e outra”.

► Rubem Braga: A Crônica do Fugitivo

O maior cronista brasileiro reconhecia em Dulce uma colega de ofício. Para Braga, fotografar exigia “olhar limpo” e pressa lenta. Ele identificava nela a capacidade de fixar o instante fugidio com a precisão de uma crônica perfeita, sem invadir.

► Imagem, palavra e legado

Com uma trajetória brilhante que une a urgência do fotojornalismo à poesia das artes visuais, Dulce Helfer colaborou em mais de 70 livros e antologias. Seu viés humanitário e a sensibilidade de sua assinatura estética renderam-lhe 30 prêmios nacionais e internacionais. A potente narrativa de Dulce também se estende à literatura, universo no qual assina importantes obras.

► O Melhor de Mario Quintana

Lançado em 2006 na Feira do Livro de Porto Alegre, o livro reúne fotografias de Dulce Helfer em diálogo com a obra do poeta. Mais que um registro visual, é um encontro entre duas sensibilidades: a lente de Dulce capta o universo quintaniano, feito de miudezas, silêncios e encantamentos do cotidiano. O trabalho rendeu a ela o Prêmio Especial da AGES (Associação Gaúcha de Escritores), dividido com os escritores Tabajara Ruas e Armino Trevisan. Nas páginas, Dulce traduz em imagens a “simplicidade complicada” de Quintana, revelando a poesia que mora nas ruas, nos bancos de praça e nos gestos mínimos de Porto Alegre.

► Poesia Líquida

Editado em 2018 e também lançado durante a Feira do Livro da Capital, *Poesia Líquida* é um projeto que une arte, fotojornalismo e ativismo ambiental. A obra nasceu da preocupação de Dulce com a sustentabilidade das águas e desdobrou-se em uma exposição no Margs, onde ficou por três meses e recebeu 22.300 visitantes. No livro, suas fotografias transformam a água em metáfora: rios, gotas, reflexos e enchentes viram versos visuais sobre memória, tempo e urgência ecológica. É Dulce Helfer usando a câmera como denúncia e como afago, mostrando que o olhar doce também pode ser político e subversivo.



DULCE HELFER/DIVULGAÇÃO/JC



TÂNIA MEINERZ/JC